



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

CURSO: BACHARELADO EM HUMANIDADES

ANA CLARA LOURENÇO DOS SANTOS

**A AFETIVIDADE DE ESTUDANTES CONCLUDENTES DO CURSO DE BACHARELADO
EM HUMANIDADES DA UNILAB: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DAS
EXPERIÊNCIAS NA VIDA ACADÊMICA**

**REDENÇÃO – CE
2025**

ANA CLARA LOURENÇO DOS SANTOS

**A AFETIVIDADE DE ESTUDANTES CONCLUDENTES DO CURSO DE BACHARELADO
EM HUMANIDADES DA UNILAB: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DAS
EXPERIÊNCIAS NA VIDA ACADÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Bacharelado em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos
requisitos para a obtenção do título de
Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jon Anderson
Cavalcante

Banca Examinadora: Profa. Dr. Maria de
Fátima Souza da Silveira

Banca Examinadora: Prof. Dr. Leandro de
Proença Lopes

REDENÇÃO-CE

2025

RESUMO

Este estudo propõe uma investigação sobre os aspectos afetivos e as experiências acadêmicas de estudantes concluintes do Bacharelado em Humanidades da UNILAB, considerando como emoções, pressões institucionais e marcadores sociais interseccionais (como raça, gênero e classe) podem influenciar sua trajetória. A pesquisa tem como base relatos pessoais e observações que apontam desafios emocionais enfrentados no período final da graduação, como ansiedade, sobrecarga acadêmica e falta de apoio. A partir da interseccionalidade de Crenshaw e da teoria da afetividade de Wallon, busca-se compreender de que forma as desigualdades estruturais impactam a saúde mental e o desempenho dos discentes. A abordagem metodológica qualitativa, com foco em entrevistas narrativas, pretende captar as vivências desses estudantes e evidenciar a necessidade de políticas universitárias mais inclusivas. Com relevância social e acadêmica, o estudo almeja contribuir para os debates sobre bem-estar no ensino superior, promovendo reflexões sobre acolhimento, permanência estudantil e justiça social.

Palavras-chaves: Afetividade. Interseccionalidade. Experiências Universitárias

ABSTRACT

This study proposes an investigation into the affective aspects and academic experiences of graduating students from UNILAB's Bachelor of Humanities program, considering how emotions, institutional pressures and intersectional social markers (such as race, gender and class) can influence their trajectory. The research is based on personal accounts and observations that point to emotional challenges faced in the final period of graduation, such as anxiety, academic overload and lack of support. Based on Crenshaw's intersectionality and Wallon's theory of affectivity, the aim is to understand how structural inequalities impact on students' mental health and performance. The qualitative methodological approach, focusing on narrative interviews, aims to capture the experiences of these students and highlight the need for more inclusive university policies. With social and academic relevance, the study aims to contribute to debates on well-being in higher education, promoting reflections on welcome, student permanence and social justice.

Keywords: Affectivity. Intersectionality. University experiences

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e serenidade ao longo desta jornada.

Aos meus pais, Valdemir e Luzenilde, minha eterna gratidão. Obrigada por todo amor, pelos ensinamentos e pelo apoio incondicional em todos os momentos. Vocês foram e são minha base, minha motivação e o alicerce que me sustentou durante essa caminhada.

Às minhas amigadas, que estiveram ao meu lado com palavras de encorajamento, com escuta atenta e com gestos de carinho que tornaram essa trajetória mais leve. Cada conversa, cada apoio, cada sorriso fez a diferença.

Em especial aqueles que sempre estiveram presentes, me incentivando e apoiando para que eu não desistisse e que sempre acreditaram em mim, a Karine Castro, Stefanny Bandeira e Emanuel Gomes.

Ao meu orientador, Jon Cavalcante, pela parceria durante esta jornada e todo ensinamento que me foi repassado, minha gratidão.

A todos que convivi e que de certa forma fazem parte da minha história.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVOS.....	8
2.1. Objetivo Geral.....	8
2.2 Objetivos Específicos.....	8
3. JUSTIFICATIVA.....	9
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
4.1. A Afetividade nas experiências estudantis e a Saúde Mental.....	15
4.2. A Interseccionalidade e as experiências estudantis universitárias.....	20
5. METODOLOGIA.....	24
5.1. Pesquisa narrativa de cunho qualitativo.....	24
5.2. Entrevista narrativa.....	24
5.3. Local e descrição dos participantes.....	25
5.4. Desenvolvimento metodológico.....	25
5.5. Análise dos dados.....	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

A vida acadêmica é um período de transformações, desafios e descobertas, no âmbito intelectual e emocional. Para os estudantes universitários, especialmente aqueles que estão concluindo seus cursos, esse momento é permeado por uma série de pressões e expectativas que podem gerar impactos significativos em sua saúde mental e bem-estar emocional. Nesse contexto, este trabalho se propõe a investigar os aspectos afetivos dos estudantes concluintes do curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), analisando como suas experiências acadêmicas são marcadas por emoções e sentimentos, atravessados de modo interseccional por diferentes marcadores sociais, como raça, gênero, classe e territorialidade.

A temática central deste estudo surgiu de inquietações pessoais e acadêmicas vivenciadas ao longo da minha trajetória como discente da UNILAB. Observar e experienciar os desafios emocionais enfrentados por colegas, especialmente nos períodos finais do curso, evidenciou a necessidade de compreender como as demandas acadêmicas se entrelaçam com questões afetivas e sociais. A sobrecarga de atividades, a pressão por desempenho, a incerteza quanto ao futuro profissional e a ausência de redes de apoio sólidas são fatores que frequentemente culminam em sentimentos de ansiedade, frustração e até mesmo em quadros mais graves de sofrimento psíquico. Essas vivências não são isoladas, mas sim intensificadas por marcadores sociais que tornam a experiência universitária singular para cada estudante.

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser assim delineado: Como a intersecção dos marcadores sociais de estudantes concluintes do BHU influencia a afetividade — emoções e sentimentos — presentes nas dificuldades vividas por esses discentes em sua vida universitária? Partimos da hipótese de que as emoções e sentimentos vivenciados por esses discentes são profundamente moldados por suas trajetórias pessoais e pelas estruturas sociais que os atravessam, como racismo, machismo, xenofobia e desigualdades econômicas. Esses fatores, quando não reconhecidos e abordados de forma adequada, podem agravar o sofrimento psíquico e dificultar a conclusão do curso.

A abordagem interseccional, desenvolvida por Kimberlé Crenshaw (2002), será uma referência teórica central para analisar essas experiências. A interseccionalidade nos permite compreender como múltiplas formas de opressão — como raça, gênero e classe — se articulam de maneira dinâmica, produzindo desigualdades específicas para cada indivíduo. No contexto da UNILAB, uma universidade com um perfil estudantil diversificado,

composto majoritariamente por estudantes negros, indígenas, quilombolas e internacionais, essa perspectiva é particularmente relevante. Muitos desses discentes enfrentam desafios adicionais, como adaptação cultural, distanciamento familiar e preconceitos cotidianos, que se refletem em suas vivências acadêmicas e emocionais.

Este estudo também se fundamenta nas contribuições de Henri Wallon sobre a afetividade, entendida como um eixo central do desenvolvimento humano. Para Wallon, as emoções e os sentimentos não são meros acessórios do intelecto ou do pensamento, mas elementos constitutivos da aprendizagem e da formação da pessoa. No ambiente universitário, a falta de equilíbrio entre demandas acadêmicas e necessidades afetivas pode levar a situações de estresse, burnout e até mesmo ao abandono dos estudos.

A importância dessa temática reside no crescente debate sobre saúde mental e aspectos emocionais no meio acadêmico. Dados da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES, 2022) mostram que 45% dos estudantes universitários brasileiros necessitam de cuidados em saúde mental, sendo que 57% deles não recebem qualquer tipo de acompanhamento. Na UNILAB, onde muitos estudantes são oriundos de camadas populares e enfrentam desafios estruturais adicionais, essa questão se torna ainda mais urgente. Ao visibilizar esses sujeitos e evidenciar suas experiências, este trabalho busca contribuir para a construção de políticas institucionais mais sensíveis e inclusivas, que promovam o acolhimento e o bem-estar dos/as discentes, do meio acadêmico.

Do ponto de vista metodológico, optou-se por uma pesquisa qualitativa de cunho narrativo, utilizando entrevistas narrativas como técnica principal. Essa abordagem permite capturar as nuances das experiências individuais e coletivas, valorizando a perspectiva dos participantes como agentes ativos na construção do conhecimento e sujeitos de suas histórias. Os dados serão analisados à luz da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), com o intuito de identificar padrões e contradições nos relatos dos estudantes.

Por fim, este trabalho se justifica não apenas como uma contribuição acadêmica, mas como um ato político e de cuidado. Ao escutar e analisar as narrativas dos/as estudantes concluintes, buscamos não apenas compreender suas dores, mas também fortalecer a luta por uma universidade mais humana, acolhedora e comprometida com a justiça social. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam subsidiar ações institucionais e políticas públicas que garantam a permanência e o sucesso desses discentes, transformando a universidade em um espaço de formação integral, onde a saúde mental seja prioritária.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar de modo interseccional os aspectos afetivos (emoções, sentimentos) decorrentes de dificuldades na vida universitária dos/as discentes que estão concluindo o curso de Bacharelado em Humanidades, da UNILAB - CE.

2.2 Objetivos Específicos

- Descrever aspectos da afetividade nas dificuldades presentes em experiências universitárias dos/as estudantes formandos/as.
- Identificar as articulações entre os marcadores sociais nas dificuldades presentes nessas experiências estudantis.
- Entender de que modo a articulação entre os marcadores sociais se relaciona com os aspectos afetivos das dificuldades experienciadas por estudantes formando/as.

3. JUSTIFICATIVA

O presente trabalho surgiu de inquietações pessoais, acadêmicas e sociais que foram se elevando ao longo da minha trajetória universitária, enquanto estudante do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Experimentar e acompanhar de perto os desafios emocionais e afetivos enfrentados por colegas, essencialmente nos períodos finais do curso, estimulou o desejo de compreender mais profundamente as relações entre as experiências acadêmicas e os aspectos emocionais que as atravessam.

Trago como exemplo, fatos da minha trajetória pessoal, sou formanda do curso de bacharelado em humanidades e ao longo da minha jornada acadêmica passei por diversos momentos que de certa forma abalaram meus estudos. Certa vez, obtive uma sobrecarga tão imensa devido a quantidade de atividades e trabalhos que eu deveria finalizar, que isso impactou diretamente minha vida pessoal, eu fiquei imensamente triste e com o pensamento de incapacidade. Sentimento esse que se faz ainda mais presente nessa etapa final do curso, por receio de não conseguir realizar e concluir os objetivos propostos, essa sobrecarga emocional causada pela preocupação relacionada a pressão acadêmica começou a afetar meu sono, concentração e autoestima.

Também tive a oportunidade de conviver com diversos colegas, cada um com suas próprias histórias, desafios e conquistas, um deles, em especial, me marcou profundamente pela forma como enfrentou e ainda enfrenta, as dificuldades emocionais que impactaram diretamente sua vida acadêmica. Esse colega sempre demonstrou interesse em participar das aulas, mas com o tempo fui notando sua ausência, sempre o via com menos frequência nos corredores da universidade. Em conversas mais íntimas, ele compartilhou que estava lidando com questões emocionais profundas, envolvendo conflitos interpessoais e uma constante sensação de inadequação.

Esses fatores afetaram significativamente sua autoestima e sua capacidade de se concentrar e se organizar para as demandas acadêmicas, a pressão por desempenho, aliada à ausência de uma rede de apoio mais sólida, agravou ainda mais sua situação. Ele buscou ajuda profissional em um momento mais crítico, quando começou a manifestar sintomas de ansiedade intensa e episódios depressivos. A partir daí, iniciou um processo terapêutico que lhe permitiu, aos poucos, retomar o controle sobre seu estado emocional, sua saúde mental.

No entanto, o impacto dessa vivência ainda se reflete em sua trajetória acadêmica, com atrasos, trancamentos de disciplinas e um sentimento recorrente de frustração.

Apesar de todas essas dificuldades, admiro profundamente sua coragem em reconhecer suas limitações e procurar ajuda. Sua história me fez refletir sobre a importância de ambientes acadêmicos mais acolhedores, que levem em consideração não apenas o desempenho acadêmico, mas também as dimensões emocionais e afetivas dos estudantes. A vivência dele é um lembrete de que, por trás de cada matrícula, há uma pessoa com histórias, dores e resistências que merecem ser reconhecidas e respeitadas.

A percepção de que a universidade, um espaço de formação crítica e intelectual, também é um ambiente onde se produzem sofrimentos psíquicos e muitas vezes silenciosos ou silenciados, foi uma das principais motivações para a escolha deste tema. A universidade, enquanto um ambiente de desenvolvimento pessoal e capacitação acadêmica, pode vir a se tornar um local propício para o surgimento ou agravamento de situações de estresse ou sofrimento das pessoas. A sobrecarga de atividades, pressão por desempenho, prazos curtos, competitividade entre os estudantes, a insegurança causada pela incerteza do futuro profissional dentre muitos outros fatores contribuem de modo significativo para a fragilização emocional dos discentes.

Para a maioria, essa experiência se intensifica pela vivência de desigualdades territoriais, sociais, gênero, raciais e outros que perpassam suas respectivas trajetórias e posteriormente se manifestam no espaço acadêmico. Fazendo com que a experiência universitária que deveria ser repleta de momentos oportunos de autonomia e crescimento pessoal, se torne também um período de angústia e vulnerabilidade em alguns casos. No caso da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), esse quadro obtém pontos próprios que necessitam de um cuidado particular.

A instituição foi criada com o propósito de estimular a integração entre o Brasil e países africanos de língua portuguesa, possuindo um perfil estudantil diversificado, que é formado por estudantes de diferentes realidades. Muitos enfrentam barreiras culturais, econômicas e linguísticas, sem mencionar o afastamento das redes familiares e de apoio, somado a uma estrutura institucional ainda em consolidação. Com limitações em políticas estudantis, suporte acadêmico e atendimento psicológico, o que acaba por aumentar os desafios emocionais e afetivos vivenciados pelos estudantes. O interesse pessoal também é perpetuado por experiências que envolvem o convívio com colegas racializados, periféricos, mães, LGBTQIAP+, entre outros grupos que vivenciam diversas formas de vivências no âmbito acadêmico.

Nesse contexto, foi possível notar que os impactos emocionais e as questões de saúde mental não se dão de maneira similar, mas são influenciados por diversas dimensões da vida social. Como por exemplo, sou uma estudante universitária oriunda de uma cidade pequena e do interior e ainda venho de zona rural, o trajeto para chegar até a universidade é de 38,4 km. Vou para a cidade campus da universidade no início da semana e só retorno aos fins de semana, além do cansaço físico, muitas vezes sinto-me emocionalmente abalada. Por estar distante de meus pais e pessoas queridas da minha cidade, sem contar com a preocupação constante de deixar meu pai que tem problemas de saúde sozinho cuidando da minha mãe, que é acamada e não pode andar. Fatores como esse influenciam muito na trajetória, dificuldades e preocupações que eu passo frequentemente, e luto todos os dias para me manter forte não apenas por mim, mas também por eles.

Diante disso nota-se a importância de se adotar uma abordagem interseccional, pois conforme Crenshaw (2002, p.7), “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. Nos mostrando que fatores externos como marcadores sociais e internos como o lado emocional, se relacionam e junto corroboram para certas situações que estão entrelaçadas como as atividades acadêmicas. É exatamente por perceber na interseccionalidade essa capacidade de nos mostrar de modo mais abrangente e profundo as experiências humanas, que me senti mais motivada a investigar a temática.

Falo não apenas como pesquisadora, mas como alguém que também vivencia os desafios de conciliar as exigências acadêmicas com as marcas deixadas por estruturas sociais que, de certo modo, nos atravessam silenciosamente dependendo do caso. Levo em mim e observo nos colegas a aplicação de lutas que não se encerram dentro da universidade, mas que vêm de fora e se manifestam dentro, no emocional. Por esse motivo, esta pesquisa é também um ato de cuidado, de escuta e de busca por compreensão, é o reflexo do meu desejo e vontade de que nenhum estudante precise enfrentar suas dores sozinho. E de que possamos construir espaços mais acolhedores, onde a saúde mental não seja um tabu, mas uma prioridade.

A relevância social deste estudo se ampara no crescente debate sobre saúde mental no ambiente acadêmico universitário. De acordo com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), em uma matéria publicada no ano de 2022, a pesquisa com alunos no ano de 2022, apontou que 45% do universo de pesquisados afirmaram estar precisando de cuidados de saúde mental e, destes, 57% afirmaram não estar

recebendo nenhum cuidado ou acompanhamento ou tratamento¹. E em universidades que têm um perfil de estudantes majoritariamente oriundos de camadas populares, como é o caso da Unilab, essas questões se tornam ainda mais urgentes.

É necessário destacar também que esse sofrimento psíquico dos discentes não é gerado apenas pelas demandas universitárias, o ambiente acadêmico por si só já esboça uma série de pressões tal como já foram listadas. Entretanto é preciso reconhecer que a maioria dos estudantes já chegam a universidade carregando diversas histórias, e essas experiências acabam por se entrelaçar com as vivências acadêmicas, podendo tornar assim o processo de formação ainda mais desafiador. Como, por exemplo, o caso de estudantes que necessitam conciliar o curso com o trabalho, para garantir a sua permanência na universidade, em outros casos alguns lidam com falta de rede de apoio, perdas, responsabilidades domésticas ou de cuidados com algum membro da família.

E também a aqueles que enfrentam preconceitos cotidianamente, seja por sua raça, gênero, sexualidade ou classe social, no qual muitas vezes, não encontram no ambiente universitário um espaço de acolhimento e pertencimento. Em meu próprio percurso acadêmico pude testemunhar como esses fatores se materializam, houve momentos em que a pressão para cumprir os prazos das disciplinas colidiu com demandas pessoais que não podiam ser adiadas. Experiências como essa não são casos em particular, mas sim situações recorrentes diariamente na vida de estudantes da Unilab, tendo isso em vista, percebemos a importância de se pensar a saúde mental na universidade sob uma perspectiva interseccional.

É nesse cruzamento de histórias de vida, estruturação social e contexto acadêmico que o referido estudo se introduz, procurando dar visibilidade às diversas camadas do sofrimento psíquico dos estudantes e à necessidade de políticas públicas efetivas de cuidado e acolhimento. A Unilab, por ser uma universidade de caráter internacional e com um projeto pedagógico voltado para a integração entre Brasil e países africanos de língua portuguesa, abriga uma diversidade de estudantes que tornam ainda mais complexa a dinâmica das relações sociais e afetivas. Nesse contexto, estudar os aspectos emocionais dos estudantes concludentes é não apenas uma tentativa de compreender como essas experiências se manifestam, mas também de contribuir para que políticas institucionais mais humanas e sensíveis sejam pensadas e implementadas.

¹ ANDIFES. *Andifes debate saúde nas universidades federais*. Brasília: Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 2022. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/2022/10/27/andifes-debate-saude-nas-universidades-federais/>. Acesso em: 18 maio 2025.

A escolha por estudar os estudantes concluintes ocorre pelo fato de que este é um momento crucial na trajetória acadêmica: as pressões pela finalização do curso, elaboração do TCC, expectativas em relação ao futuro profissional. Somadas às experiências acumuladas ao longo dos anos, tornam esse um período especialmente sensível do ponto de vista emocional, do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa se insere nos debates que articulam subjetividade, saúde mental e interseccionalidade no meio da educação. Neste contexto é essencial observar as formas de suporte institucional que a Unilab dispõe aos seus alunos, a Divisão de Assistência à Saúde do Estudante (DIASE), oferece atendimento psicológico para estudantes de graduação presencial nos campi do Ceará. O serviço visa acolher demandas emocionais emergentes, proporcionando um espaço de escuta e orientação, os atendimentos são realizados mediante preenchimento de formulário disponibilizado nos dias de plantão.

Esse é um dos serviços que tem o enfoque necessariamente para o apoio sobre a saúde mental e emocional de discentes, ações como essa são indispensáveis para acolher as vivências subjetivas dos discentes. Reconhecendo as especificidades dos seus contextos socioculturais, identitários e econômicos, especialmente diante de um corpo discente marcado pela diversidade étnico-racial e internacional. Portanto, vê-se a necessidade da universidade expandir e aprofundar cada vez mais esses serviços de acolhimento e campanhas de conscientização sobre saúde mental e eventos voltados ao cuidado coletivo, construindo espaços de afeto, pertencimento e troca de experiência.

Ainda que existam estudos sobre sofrimento psíquico na universidade, poucos se debruçam sobre as experiências afetivas com o olhar interseccional, além disso, o foco nos estudantes concluintes oferece um recorte específico e pouco explorado. Contribuindo para a produção de novos olhares e aprofundamentos teóricos sobre esse período do ciclo universitário. A afetividade, embora muitas vezes relegada ao plano da informalidade nas discussões sobre a vida acadêmica, é um elemento fundamental na constituição dos indivíduos.

Portanto, compreender como estudantes concluintes experienciam emoções, como medo, ansiedade, frustração, esperança, nos permite acessar camadas subjetivas que são essenciais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e institucionais mais empáticas. Por outro lado, a interseccionalidade surge como uma ferramenta analítica indispensável para não tratar os estudantes como uma categoria semelhante. Essa abordagem permite observar, por exemplo, como pessoas de realidades distintas podem vivenciar essas experiências de modo tão diverso, mesmo que ambas estejam no mesmo curso.

A sua relevância profissional também é importante e presente, ao compreender a saúde mental e os aspectos emocionais como partes constituintes da formação universitária, este trabalho dialoga com a necessidade de construção de políticas públicas e práticas institucionais voltadas para o acolhimento, permanência e bem-estar dos estudantes. E profissionais que atuam na educação, nas políticas públicas ou na saúde mental podem se beneficiar das reflexões aqui desenvolvidas, no sentido de repensar estratégias de cuidado mais integradas e sensíveis às particularidades dos indivíduos.

Ademais, essa pesquisa tem o potencial de contribuir com a atuação profissional de educadores, psicólogos, gestores universitários e assistentes sociais que lidam diariamente com os desafios emocionais dos estudantes. Ao dar visibilidade a essas vivências, espera-se contribuir para o enfrentamento do estigma em torno do sofrimento psíquico, ainda tão presente nos espaços de formação. Por fim, trata-se de uma pesquisa que busca dar voz aos sujeitos que muitas vezes são invisibilizados nos discursos institucionais.

Essa temática é de grande relevância para o curso, pois permite compreender como emoções, sentimentos e vivências subjetivas influenciam o percurso formativo dos discentes, pois refletir sobre os aspectos afetivos contribui para uma formação mais humana. E também mais crítica e comprometida com o acolhimento das diversidades, além de oferecer subsídios para o fortalecimento de políticas de permanência e bem-estar estudantil. Escutar, analisar e compreender os aspectos afetivos dos estudantes concluintes da Unilab é também um ato político, de resistência e de construção de saberes comprometidos com a transformação social. É nesta perspectiva que este trabalho se constrói, em busca de dialogar com os saberes e vivências dos próprios estudantes.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. A Afetividade nas experiências estudantis e a Saúde Mental

A afetividade, conforme Henri Wallon, é um dos eixos centrais do desenvolvimento humano, integrando-se às dimensões cognitiva e motora em uma relação dialética, constituidora da pessoa. Para Wallon, a afetividade não se reduz a emoções pontuais. Mas abrange três componentes interdependentes: as emoções, que são respostas corporais imediatas como medo, alegria ou raiva, que servem como primeiros vínculos sociais e expressam estados de bem-estar ou mal-estar. Sentimentos, que são as manifestações mais estáveis e internas, mediadas pela linguagem e pela reflexão, como por exemplo, empatia, frustração, vergonha entre outros. E, a paixão que é um estado afetivo intenso e duradouro, marcado pela busca de autocontrole e exclusividade (Mahoney, Almeida, 2005).

Esses pontos mostram que a afetividade é totalmente moldada por essa relação entre o sujeito e seu meio social, transformando-se sempre com o tempo. No ambiente acadêmico a afetividade se mostra evidente por meio de relações interpessoais, nas interações e experiências universitárias com colegas, professores e a própria instituição. Que podem gerar acolhimento ou conflitos, até mesmo ambos. Mahoney e Almeida (2005), Wallon destaca que a emoção é um instrumento de sociabilidade que acaba por unir as pessoas entre si, indispensável para a construção de identidades coletivas. Se faz presente também, nos processos identitários, justamente porque a universidade é um palco de autoafirmação. Onde questões como "quem sou eu?" e "quais são meus ideais?", "o que quero ser?" vão aparecendo e tomando mais forma, nos fazendo sentir, refletir e ter essas indagações.

Ademais, de acordo com essas reflexões sobre si que vão surgindo, outras pautas também irão aparecendo, como as questões dos desafios acadêmicos, no qual a pressão por desempenho e a adaptação a novos contextos podem ocasionar emoções como ansiedade, influenciando diretamente na aprendizagem. Em pesquisas no acervo do repositório da universidade Unilab, encontrei o artigo "Transtorno de Ansiedade no Ensino Superior", de ANTÔNIO, L. C. M. (2023), que discute que o transtorno de ansiedade no ensino superior "é uma condição comum que afeta a saúde mental dos estudantes, caracterizada por preocupações excessivas, nervosismo e medo persistente". Desta forma, podemos perceber como as emoções e essas experiências afetivas influenciam na vida dos discentes e impactam diretamente na vida acadêmica.

ANTÔNIO, L. C. M. (2023), também cita que os "fatores aqui citados podem influenciar a um possível problema de ansiedade e se de alguma forma podem dificultar a

vida social e acadêmica de um estudante universitário.” Compreendendo que esses desafios rotineiros enfrentados pelos os estudantes, podem acabar gerando tais transtornos, se não houver um equilíbrio entre as ações. A perspectiva de Wallon aponta e traz um alerta sobre os riscos da não satisfação ou dos cuidados diante das necessidades afetivas, o que repercute diretamente no processo de ensino aprendizagem. Em uma pesquisa, Codo (2000), em diálogo com as contribuições de Henri Wallon, fala sobre a questão que tanto professores quanto alunos podem acabar por desenvolver estresse e burnout, até mesmo ambos. Devido ao esgotamento ocasionado das demandas afetivas, quando as mesmas não estão equilibradas com a vida social e não dispõem de um suporte para lidar com essas experiências. Como afirma ANTÔNIO, L. C. M. (2023, p.9):

afirmando que sim, esses fatores como: modo de ensino, didática dos professores, questão financeira, a vida universitária, o excesso de responsabilidade, distanciamento de familiares, podem sim desencadear transtorno de ansiedade por parte dos estudantes universitários, pois, a transição e adaptação no ensino superior é considerada um processo difícil, uma vez que exige mudanças de rotinas e obrigações.

Dessa forma, fica evidente que todos esses fatores externos vivenciados pelos universitários, de certa forma acabam por o afetar emocionalmente e consequentemente na sua aprendizagem também, no artigo citado podemos observar isso de forma bem clara. Além disso, os autores Mazer, Dal Bello e Bazon (2019), destacam que outros fatores como, a dificuldade no processo de aprendizagem, “está inserida em uma cadeia de causas e consequências de problemas psicossociais [...] que precisam receber a atenção necessária, pois ora funcionam como causa, ora como consequência de problemas comuns”.

Essa vivência de situações de baixo rendimento acadêmico, acaba por gerar sentimentos de baixa auto estima e também influencia na capacidade produtiva do indivíduo. Possuindo um peso significativo nas vivências, pois ao se ter emoções intensas, como por exemplo o medo de falhar, acaba por ocasionar um bloqueio no nosso desenvolvimento cognitivo. Gerando um “antagonismo entre emoção e atividade intelectual” na pessoa, o que impossibilita o processo de assimilação de conteúdo, porque quando essa integração não está bem, o corpo trava, trazendo a sensação de incapacidade (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Todas estas questões sobre a afetividade se relacionam diretamente e possuem impacto sobre as experiências estudantis que enfrentamos no cotidiano. Para Wallon, as emoções são constitutivas da aprendizagem, e nesse momento final do curso, elas se intensificam, podendo tanto impulsionar o estudante quanto paralisá-lo diante das exigências acadêmicas como, por exemplo, a elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC). No

texto: “Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon”, Mahoney e Almeida (2005, p.12) destacam que, segundo Wallon, “que as emoções e sentimentos podem variar de intensidade [...] interferindo de alguma maneira em nossas atividades”.

No contexto universitário, isso significa que os aspectos emocionais dos estudantes – como ansiedade, motivação, medo do futuro e sentimento de pertencimento – interferem diretamente em seu desempenho acadêmico e em sua experiência formativa. Mahoney e Almeida (2005) também destacam que o ambiente educacional deve proporcionar segurança emocional para que o aluno possa se desenvolver plenamente. No caso dos concludentes do curso de Bacharelado em Humanidades na Unilab, muitos deles oriundos de contextos sociais vulneráveis e marcados por desigualdades, essa segurança pode ser afetada por fatores como: pressão acadêmica, como, na realização de tcc’s, estágios, prazos de atividades.

Também através de incertezas profissionais no ramo do mercado de trabalho ou na continuidade dos estudos e além das questões identitárias e sociais, como o racismo, xenofobia, dificuldades econômicas, dentre muitos outros fatores. A conclusão do curso possui também um marco afetivo e social, essa fase representa um momento de transição identitária, em que o estudante deixa de ser discente e se prepara para ingressar no mundo profissional ou acadêmico. Essa transição pode gerar sentimentos ambivalentes, onde em tais momentos pode se estar empolgado e realizado, por concluir uma etapa importante; e possuir também medo e ansiedade em relação ao futuro e à inserção no mercado; e em alguns casos luto pela vida universitária, que é essa saída do ambiente de convívio acadêmico.

Trazendo o olhar interseccional, a Unilab possui um perfil singular, com um corpo discente composto majoritariamente por estudantes negros, indígenas, quilombolas e internacionais (especialmente de países africanos lusófonos). Essa diversidade exige uma análise interseccional, considerando como múltiplas “opressões” (racismo, machismo, xenofobia, desigualdade econômica) impactam a experiência acadêmica e emocional desses estudantes. No caso de estudantes negros e periféricos, eles podem enfrentar maior pressão para se afirmar academicamente em um ambiente ainda marcado por estruturas racistas; estudantes internacionais enfrentam desafios como adaptação cultural, saudade da família e, em alguns casos, xenofobia.

Esses fatores influenciam diretamente a saúde mental e o desempenho acadêmico dos concludentes, reforçando a importância de políticas institucionais que considerem suporte psicológico, acompanhamento pedagógico e ações afirmativas para garantir uma formação mais equânime. A teoria de Henri Wallon sobre a afetividade no processo educativo fornece

um aporte teórico para compreender os desafios emocionais enfrentados pelos estudantes concludentes do bacharelado em humanidades na Unilab. Ao articular essa perspectiva com uma análise interseccional, é possível evidenciar como questões sociais, raciais e econômicas se entrelaçam com a vivência acadêmica, impactando não apenas o desempenho, mas também a saúde mental e a autoestima desses discentes.

Portanto, políticas universitárias que promovam acolhimento emocional, orientação profissional e discussões sobre identidade e pertencimento são fundamentais para que a conclusão do curso seja um momento de celebração e não de angústia. A afetividade, como demonstra Wallon, não é um detalhe na educação, mas um eixo central que deve ser considerado em todas as etapas da formação acadêmica. Buscando elementos ampliados para lidar com estas questões, trago o texto “Saúde Mental Interseccional” da autora Aline Daniele Hoepers, o trabalho dela estabelece a interface entre a interseccionalidade como teoria social crítica e a Psicologia Social, demonstrando como essa perspectiva analítica pode iluminar fenômenos psicossociais complexos. HOEPERS (2023, p.3):

invisibilizar esse campo complexo e multideterminado, ao caracterizar saúde mental, promove a manutenção de olhares e práticas superficiais e pouco comprometidas com as demandas reais daqueles e daquelas que têm cotidianamente sua saúde mental marcada e atravessada por violências, opressões e desigualdades variadas e articuladas.

Para a autora, a interseccionalidade não é apenas um conceito teórico, mas uma "sensibilidade analítica" que permite compreender como diferentes formas de opressão se articulam na produção de subjetividades. No contexto da Unilab uma universidade com forte perfil internacional e compromisso com a integração afro-brasileira, essa abordagem é particularmente relevante, pois os estudantes concludentes do bacharelado em humanidades frequentemente enfrentam desafios emocionais relacionados a transição para o mercado de trabalho; pressões acadêmicas finais; questões identitárias; desafios de inserção profissional; relações interculturais. A pesquisa de Hoepers destaca que "a ocorrência de uma diversidade de temáticas [...] contemplam a interseccionalidade, a partir de uma perspectiva analítica crítica", o que justifica sua aplicação ao contexto universitário específico da Unilab.

A perspectiva interseccional proposta por Hoepers permite analisar como os marcadores sociais se entrecruzam na experiência acadêmica dos estudantes concludentes do bacharelado em humanidades, alguns aspectos relevantes incluem: Gênero e Sexualidade, o estudo de HOEPERS (2024) sobre "Violências vividas por grupos minoritários: uma leitura interseccional" mostra como estereótipos de gênero e expectativas sociais podem gerar

sofrimento psíquico. Isso se relaciona com as pressões específicas enfrentadas por mulheres, pessoas LGBTQIA + e outros grupos durante a conclusão do curso.

Aborda também a saúde mental e seus processos de subjetivação na conclusão do curso, no qual a obra de HOEPERS (2022), "Psicologia Social, Interseccionalidade e Processos de Subjetivação", oferece um quadro teórico relevante para entender como os estudantes concludentes do bhu constroem suas identidades profissionais e pessoais nesse momento de transição. A autora argumenta que:

Refletir sobre a constituição dos sujeitos e seus processos de subjetivação acionando a interseccionalidade como eixo indispensável não só colabora com uma leitura e compreensão mais dinâmica e plural dos aspectos estudados, mas também com a construção de estratégias de intervenção que de fato contemplem um olhar crítico e atento a multiplicidade que integra as dinâmicas psicológicas e psicossociais constitutivas dos sujeitos humanos, na contramão de processos universalizantes e essencialistas. O olhar interseccional nos auxilia, por conseguinte, a dar luz a desigualdades, privilégios e demandas que afetam a construção de sofrimentos psíquicos. (2022, p.3)

Isso se aplica diretamente ao contexto dos estudantes concludentes, que enfrentam tanto pressões familiares em alguns casos, como sociais mediante a conclusão do curso e a realização de algo posteriormente. Gerando por conseguinte até mesmo incertezas profissionais, por ter esse medo e preocupação constante, a dúvida de se irá conseguir realizar seus objetivos no tempo estipulado ou não. Porque neste momento de conclusão de uma etapa na vida de cada indivíduo é marcado por diversos questionamentos, nos quais o mesmo passa por desafios de autoafirmação identitária, sobre se autoconhecer. E também tensões entre expectativas acadêmicas e realidade do mercado, dentre muitos outros pontos.

As discussões apresentadas ao longo desse tópico contribuem diretamente para abordar os objetivos da presente pesquisa, que busca compreender os aspectos afetivos nas dificuldades experienciadas por estudantes concludentes do curso de Bacharelado em Humanidades da Unilab sob uma perspectiva interseccional. Essa perspectiva é aprofundada por uma abordagem interseccional da saúde mental, como propõe HOEPERS (2022; 2023; 2024), ao demonstrar que as experiências emocionais de sofrimento e resistência vividas pelos estudantes não são isoladas, mas marcadas por relações de poder estruturais como racismo, machismo, xenofobia e desigualdades econômicas.

E, ao considerar o perfil diverso do corpo discente da Unilab, essas contribuições teóricas revelam a urgência de políticas institucionais que promovam acolhimento, escuta e suporte psicológico, especialmente nos momentos de transição como o da conclusão do curso. Dessa forma, a afetividade e a interseccionalidade se apresentam como eixos fundamentais para analisar criticamente os desafios emocionais enfrentados pelos estudantes,

contribuindo para a construção de propostas mais equânimes de cuidado, permanência e formação universitária.

4.2. A Interseccionalidade e as experiências estudantis universitárias

O conceito de interseccionalidade foi desenvolvido por Kimberlé Crenshaw como uma resposta crítica à limitação dos discursos tradicionais de direitos humanos em compreenderem a complexidade das discriminações sofridas por sujeitos que vivem múltiplas opressões simultâneas, especialmente mulheres negras. A autora destaca que raça, gênero, classe e outras formas de subordinação não agem separadamente, mas relacionam-se de forma dinâmica para moldar as experiências sociais.

CRENSHAW (2002, p.7) define interseccionalidade como uma ferramenta para capturar "as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação", e afirma que ela "trata da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas". Dessa forma, a interseccionalidade nos permite compreender como as diversas formas de opressão são coexistentes, não podendo ser analisadas de maneira desunificada. No texto, a autora usa uma metáfora de cruzamento de avenidas, no qual diz que:

Os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe, constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. [...] As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram (2002, p. 7)

Nesse trecho, a metáfora mostra como os indivíduos que estão presentes no meio da intersecção de diversos modos de opressão, sentem esses impactos, que não são apenas a junção de discriminações e características individuais. Mas acabam por resultar em outras maneiras mais específicas e elevadas da desigualdade, desse modo a perspectiva interseccional nos exige reconhecer as múltiplas identidades. E também explorar como as estruturas institucionais de poder se ordenam originar esses meios de subordinação, essa análise é muito importante para se construir políticas públicas que realmente sirvam. Porque somente com o reconhecimento das intersecções de desigualdade é possível articular uma justiça social que contemple a diversidade das experiências humanas.

Analisando alguns trabalhos desenvolvidos por discentes da Unilab, encontrei um projeto de pesquisa intitulado “Ser mulher negra estudante na Unilab/CE: trajetórias e afro afetos entre 2020-2023”. REGINALDO, A. R. S. (2023), cita que:

as trajetórias e a criação das redes de afeto, por mulheres negras pertencente da comunidade acadêmica [...] são pontos a serem analisados e explorados dentro deste projeto de pesquisa, para entender as formas de permanências dentro da

universidade pública e os desafios no cotidiano, no que diz respeito ao gênero, raça e nacionalidade. (2023, p.10)

Destacando a importância de investigar e compreender como as mulheres negras que fazem parte da universidade constroem suas trajetórias e redes de afeto, como apoio, acolhimento. Isso é fundamental para entender como conseguem permanecer na universidade pública, apesar das dificuldades e desafios enfrentados diariamente por causa de questões relacionadas a gênero, raça e nacionalidade. Que são marcadores sociais que de uma maneira ou outra acabam por se interseccionar, impactando de maneira significativa neste processo e envolvendo dimensões simbólicas, afetivas e estruturais.

Mulheres negras da Unilab, bem como algumas docentes, percebem que a aprovação no vestibular não é suficiente para garantir sua permanência na universidade. É necessário que existam políticas públicas de permanência e um currículo que contemple as demandas relacionadas a gênero, raça, classe, religiosidade e outros aspectos que favoreçam o reconhecimento de si e a reconstrução de identidades. (REGINALDO, 2023). Diante disso, entendo que pensar as vivências afetivas e emocionais dos discentes de modo interseccional, é reconhecer que estes estudantes enfrentam desafios. Que vão além das questões econômicas, envolvendo estruturas sociais que atravessam suas experiências cotidianas, por isso é indispensável ouvir suas vozes, valorizar suas vivências e lutar por políticas que realmente dialoguem com suas realidades.

Ademais, segundo PIVA (2022), “é preciso tratar dos aspectos afetivos e psicossociais da vida na academia contemporânea, abrir uma exploração dos caminhos pelos quais tais experiências são posicionadas segundo gênero, classe, raça, sexualidade, dentre outros.” Sendo assim, é de fundamental importância que a universidade olhe com mais atenção para as emoções, sentimentos, e situações psicossociais que possam vir a afetar a vida dos estudantes atualmente. Nos mostrando que é preciso investigar de forma mais profunda como essas vivências estão diretamente ligadas a questões sociais que são mais amplas, como gênero, classe, raça e sexualidade. Ou seja, esse sofrimento psíquico, principalmente na universidade, não é apenas algo individual, mas está atravessado por desigualdades estruturais que necessitam ser entendidas para que assim possa haver intervenções mais justas.

PIVA (2022), também cita que “o sofrimento na universidade evidencia não só as pressões, contradições e impasses da vida universitária, mas também a metamorfose estrutural da sociedade”. Mostrando que esse sofrimento vivido dentro da universidade não é algo isolado ou apenas pessoal, mas revela as pressões, contradições e dificuldades que fazem

parte da vida acadêmica. Mais vai além disso, nos mostra também que a universidade reflete mudanças profundas que estão acontecendo na sociedade, portanto, ao olhar para este sofrimento, é possível entender que não apenas os problemas da vida universitária, mas também os processos sociais mais vastos afetam todos nós. Em outro trecho o autor cita:

Ao longo deste projeto ao tratar de sofrimento psíquico não me refiro apenas à transtornos mentais, isto é, às categorizações biomédicas e psicopatológicas, mas também ao conjunto diverso de reações de mal-estar, sofrimento, adoecimento, tristeza, aflição, dor, desconforto, estresse, angústia, tensão e afins diante de algum evento, situação, contexto que o sujeito possa se defrontar durante certo momento de vida. (2022, p.5)

Neste trecho podemos perceber que o autor não se limita a falar sobre o sofrimento apenas como transtornos mentais, não utiliza apenas uma visão clínica tradicional, em vez disso podemos observar que ele amplia o conceito. Para que assim se possa incluir uma variedade de reações psíquicas e emocionais, tais como mal-estar, tristeza, aflição, dor, desconforto, estresse, angústia, tensão etc. Essas reações são vistas como respostas a situações da vida, que podem ser momentos difíceis, desafiadores ou dolorosos que a pessoa enfrenta, em eventos, situações ou contextos específicos. Que engloba também os sofrimentos cotidianos que qualquer pessoa pode viver em algum momento da vida.

Na vivência universitária, sofrimentos relacionados a opressões estruturais como o racismo, o machismo, a LGBTfobia e a desigualdade social nem sempre são reconhecidos como legítimos. Esses sofrimentos se manifestam de forma interseccional nas estruturas acadêmicas e acabam se convertendo em desigualdades no percurso universitário. Muitas vezes, essas experiências coletivas e sociais são percebidas apenas como dificuldades individuais, o que contribui para a invisibilização das causas estruturais (Piva, 2022). Levando em consideração que:

Por mais que todo aluno possa estar condicionado a sofrer em decorrência das relações estabelecidas dentro e fora da universidade, tal sofrimento não é vivido da mesma maneira, não é reconhecido da mesma maneira e, portanto, não impacta a todos da mesma maneira. Nosso sofrimento está sempre condicionado pelos atravessamentos característicos dos posicionamentos dinâmicos que assumimos e somos levados a assumir no espaço social. (2022, p.19)

Portanto, embora todos os estudantes possam passar por situações de sofrimento tanto dentro quanto fora da universidade, esse sofrimento não é igual para todos, ele é vivenciado, reconhecido e sentido de maneiras diferentes, dependendo de quem a pessoa. Diante de tudo o que foi exposto, é possível compreender como a interseccionalidade — enquanto ferramenta analítica — permite visibilizar as camadas de opressão que atravessam os sujeitos de maneira complexa, especialmente no contexto universitário. Ao analisar as experiências vividas por estudantes negras e negros, bem como por outros sujeitos marginalizados, nota-se

que o sofrimento psíquico não pode ser reduzido a fatores individuais ou clínicos, mas precisa ser compreendido como um fenômeno diretamente vinculado às estruturas sociais e institucionais.

As contribuições de Crenshaw (2002), Reginaldo (2023) e Piva (2022) mostram que pensar o sofrimento na universidade exige olhar para os marcadores sociais como gênero, raça, classe e nacionalidade, reconhecendo como esses atravessamentos constroem experiências singulares e coletivas de dor, resistência e também de afeto. Nesse sentido, refletir sobre os aspectos emocionais e psicossociais da vivência universitária a partir de uma perspectiva interseccional amplia a compreensão das dificuldades enfrentadas por estudantes e permite pensar em respostas institucionais mais eficazes e justas.

Assim, as discussões aqui apresentadas fundamentam e fortalecem os objetivos da pesquisa, que visam não apenas compreender os aspectos emocionais e de saúde mental dos estudantes concluintes do curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB, mas também evidenciar como esses aspectos são atravessados por desigualdades estruturais. A pesquisa, portanto, propõe-se a ouvir essas vozes, valorizar suas vivências e contribuir para a formulação de políticas acadêmicas mais sensíveis às diversas realidades. Ao fazer isso, ela se insere em um campo de luta por uma universidade mais inclusiva, afetiva e comprometida com a justiça social.

5. METODOLOGIA

5.1. Pesquisa qualitativa de cunho narrativo

Este trabalho adotará uma abordagem qualitativa, que, de acordo com Godoy (1995, p. 58), busca: “compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes”. Uma vez que busca compreender as experiências afetivas dos estudantes concludentes do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

A pesquisa será de caráter narrativo, de acordo com TELLES (2002), na pesquisa narrativa os participantes e o pesquisador são entendidos como construtores e agentes envolvidos na construção da pesquisa. No artigo “Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem”, ARAGÃO (2008), diz que “essa modalidade de pesquisa propõe uma parceria com o participante na construção das histórias e na compreensão da experiência educacional”.

5.2. Entrevista narrativa

Na modalidade de pesquisa narrativa, a técnica que será utilizada é a entrevista narrativa, segundo Bauer e Gaskell (2002, p.93), a entrevista tem em vista criar uma situação que incentive o entrevistado a contar uma história sobre algum acontecimento importante de sua vida ou do seu contexto social. Seu objetivo é reconstruir acontecimentos sociais sob a perspectiva dos entrevistados, o mais diretamente possível, sendo considerada uma forma de entrevista não estruturada.

Bauer e Gaskell (2002) citam: “o esquema de narração substitui o esquema de pergunta-resposta que define a maioria das situações de entrevistas”, isso porque com esse método o entrevistado se mostra melhor na contação da história. Visto que pode utilizar uma linguagem mais propriamente sua, de modo espontâneo na narração dos acontecimentos, sem aquela “pressão” existente no que se refere a fase de pergunta e resposta imediata.

5.3. Local e descrição dos participantes

O local no qual serão realizadas as entrevistas, será na própria instituição de ensino superior Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), mais especificamente no campus dos Palmares, que se localiza na cidade de Acaraú/CE. Os sujeitos participantes desta pesquisa serão estudantes matriculados no último semestre do curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB, a seleção dos referidos será feita por meio de amostragem intencional. No qual irei abordar os mesmos com a devida cautela e apresentar minha pesquisa, explicando devidamente como tudo se sucederá e se podem contribuir com a mesma de modo voluntário.

Com base na disponibilidade e no interesse dos estudantes em participar voluntariamente da pesquisa, será buscada a diversidade entre os participantes, respeitando critérios interseccionais, de forma a garantir a escuta de diferentes perspectivas dentro do grupo estudado.

5.4. Desenvolvimento metodológico

A partir disso, antes da abordagem aos possíveis participantes, irei buscar me aproximar de modo não invasivo, formal e com cautela, os informarei que sou uma pesquisadora. E que estou em busca de compreender como os aspectos afetivos desses estudantes e os possíveis marcadores interseccionais dos mesmos influenciam nessa trajetória acadêmica. Logo em seguida, explicarei aos mesmos sobre a participação livre e voluntária no presente estudo, e sobre a preservação do sigilo de suas identidades, assim como em consequente explicarei o direito de recusar a participar da pesquisa ou de responder alguma pergunta caso não se sintam à vontade.

Antes de iniciar a entrevista, irei pedir a autorização do entrevistado (a) para gravar a conversa, pois é fundamental para se ter uma melhor análise posteriormente, em seguida o procedimento da entrevista narrativa é explicada de forma breve para o participante.

Na fase inicial, conforme Bauer e Gaskell (2002), é informado que a entrevista se sucederá por uma narração sem interrupções, posteriormente seguido por uma fase de questionamento, conforme forem surgindo questões ao longo do processo. Para começar, é crucial que o entrevistador tenha uma pergunta/ideia central que introduza para o entrevistado, para que ele possa discorrer sobre. Será basicamente onde deverá estar o tópico com a ideia principal que contenha os interesses do pesquisador, com base nesse fundamento, minha pergunta inicial de norte seria:

- Você pode contar, com suas palavras, como foi sua trajetória ao longo do curso de Humanidades na UNILAB? Fale sobre momentos marcantes, dificuldades que enfrentou, sentimentos que viveu e como tudo isso se relaciona com a sua história de vida e com quem você é.

Por conseguinte, a narração do entrevistado se inicia de acordo com a pergunta chave feita, e em nenhum momento deve ser interrompida, isso apenas deverá ser feito se o mesmo der indícios de que já concluiu sua fala. Eu, portanto, seguirei tomando notas para fazer perguntas posteriormente, sem interferir com a narração do indivíduo, quando a fala do mesmo acabar, irei começar a etapa de questionamento.

Com perguntas que acredito serem necessárias de acordo com o que colhi e pude observar da narração e também contarei com o auxílio de perguntas já pré-elaboradas que condizem e se encaixem no que foi dito. Após esta fase concluída, irei encerrar a gravação e conversar com o entrevistado de modo mais informal, perguntar o que ele achou da entrevista, para que eu possa ter um retorno da minha abordagem. Esse procedimento se sucederá com todos os demais participantes da entrevista também.

5.5. Análise das informações

Para analisar as informações obtidas em campo através das observações e entrevistas, será feita a transcrição das gravações e em seguida a análise das narrativas obtidas em campo, como a técnica escolhida neste projeto é a entrevista narrativa, é fundamental frisar que esta técnica nos permite o entendimento sobre os conteúdos presentes nas narrações, e observa a visão do participante. Os dados coletados serão analisados por meio da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), seguindo as etapas de pré-análise onde será feito a organização do material, exploração do material no qual ocorrerá a codificação e categorização. E por fim, a interpretação, onde irei observar e pontuar a relação com o referencial teórico e abordagem interseccional. No qual irei ter como base aspectos emocionais, interseccionalidade, relações institucionais, por meio de uma análise crítica discursiva, buscando identificar narrativas hegemônicas e contra-narrativas presentes nos relatos.

É importante destacar os cuidados éticos que devem ser tomados diante da realização de tais atividades em uma entrevista. A ética, ao estabelecer princípios humanitários comuns, regula o desenvolvimento histórico-cultural da humanidade (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2006, p. 11). E para Teixeira e Oliveira (2006), a ética na ciência, em seu campo de pesquisa: “é ter

consciência que o ato de pesquisar não é neutro, constituindo-se em uma ação histórica e ético-política”. Portanto, é de suma importância ter esses cuidados na hora de se elaborar uma pesquisa e aplicá-la, tais como: apresentar os objetivos da pesquisa; a metodologia que será utilizada; deixar claro a voluntariedade da participação, destacando que o participante pode desistir quando quiser. Explicar em que será feito o uso das informações coletadas e também garantia de sigilo e anonimato, e demonstrar a dignidade e na escuta, evitando possíveis julgamentos durante a entrevista. É importante também estar atenta às reações emocionais, pronta para oferecer pausas ou interrupções caso necessárias, ressaltando que o participante pode não responder a quaisquer perguntas.

Considerando que o objetivo deste projeto é analisar de modo interseccional esses aspectos afetivos que perpetuam na vida acadêmica dos estudantes universitários concluintes do curso de bacharelado em humanidades da UNILAB. E também suas nuances ao buscar identificar as articulações entre os marcadores sociais nessas experiências estudantis, e entender de que modo a articulação entre os marcadores sociais se relaciona com os aspectos afetivos das experiências estudantis dos/as formando/as. Para que se possa fazer uma boa interpretação dos dados coletados de forma íntegra e transparente, mantendo o respeito para com todos os participantes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, Lídia Cesária Miguel. **Transtorno de ansiedade no Ensino Superior**. TCC (Graduação) - Curso de Sociologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção-Ceará, 2023.

ARAGÃO, Rodrigo. **Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 8, p. 295-320, 2008.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **Andifes debate saúde nas universidades**. Brasília: Andifes, 27 out. 2022. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/2022/10/27/andifes-debate-saude-nas-universidades-federais/>. Acesso em: 18 de maio, 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.]

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Codo, W. (coord.) (2000). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ/Brasília, Vozes. Conf. Nacional dos Trabalhadores em Educação/Universidade de Brasília.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista estudos feministas, v. 10, p. 171-188, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HOEPERS, Aline Daniele. **Psicologia social, interseccionalidade e processos de subjetivação**. Conversas em Psicologia, v. 3, n. 1, p. 14-14, 2022.

HOEPERS, Aline Daniele. **SAÚDE MENTAL INTERSECCIONAL**. In: ASSISTÊNCIA INTEGRAL À SAÚDE: DESAFIOS E VULNERABILIDADES DA ASSISTÊNCIA. Editora Científica Digital, 2023. p. 334-347.

HOEPERS, Aline Daniele. **Violências vividas por grupos minoritários: uma leitura interseccional**. Revista Contemporânea, v. 4, n. 1, p. 4353-4365, 2024.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; DE ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**, n. 20, 2005.

MAZER, Sheila Maria; DAL BELLO, Alessandra Cristina; BAZON, Marina Rezende. **Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados.** Psicologia da educação, n. 28, 2009.

PIVA, Felipe Paes. **Como os marcadores sociais da diferença podem nos ajudar a elucidar o sofrimento psíquico universitário?: uma análise interseccional do sofrimento psíquico na FFLCH-USP.**

TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Cuidados éticos na pesquisa. Metodologias e técnicas de pesquisa em educação,** 2010.

TELLES, J. “É pesquisa, é? Ah, não quero não bem!” **Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas.** Linguagem & Ensino, v. 5, n. 2, p. 91-116, 2002.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB. **Atendimento psicológico.** Redação: Diretoria de Assistência ao Estudante - DIASE. Disponível em: <https://unilab.edu.br/satepsi/>. Acesso em: 14 de abril, 2025.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Repositório Institucional da UNILAB.** Redenção: UNILAB, [s.d.]. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/>. Acesso em: 18 maio 2025.